

6774  
SEGUNDA HISTÓRIA  
DO CAVALEIRO  
SEM MÊDO



COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO TRÊS

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 196



E X - L I B R I S

COMPOSTO E IMPRESSO NAS  
OFICINAS DA CASA PORTUGUESA  
139, RUA DO MUNDO, 141—LISBOA

SEGUNDA HISTÓRIA DO CAVALEIRO SEM MÊDO

R. 1325

Reinava D. Afonso Henriques em Portugal havia já oito anos quando se determinou a ir tomar Santarém aos moiros.

A vila de Santarém era muito forte e os moiros saíam de lá em correrias pelos campos, roubavam, matavam, largavam fogo a tudo que encontravam, levavam gados e tudo que podiam; e depois recolhiam-se a Santarém e ninguém lá os podia ir castigar. E D. Afonso Henriques amofinava-se com isto e enraivecia-se:

«Ah! grandecíssimos ladrões!» dizia êle todo furioso. «Hei-de-vos dar uma lição que vos ficará de emenda!»

Mas Santarém era muito difficil de tomar. Quando D. Afonso Henriques falava em tal, os seus cavaleiros abanavam a cabeça; não lhes parecia que fôsse coisa possível.

«Não há nada impossível para quem tem a ajuda de Deus», respondia el-rei. «E aquêles cães hão-de ver de que lhes servem os penhascos e as muralhas e as sentinelas, quando eu lá apparecer com a minha espada.»

Um belo dia fêz tréguas com os moiros, quero dizer, ajustou pazes. Eles ficaram contentes, porque as correrias de el-rei tinham-lhes feito muitos prejuízos e as tropas moiras já começavam a ter tanto mêdo dele que, mal o viam chegar com os seus cavaleiros a galope no meio de uma nuvem de poeira, pouco ânimo tinham de lhe fazer frente.

D. Afonso Henriques mandou construir e consertar fortalezas e cultivar terras, como se não pensasse mais em batalhas. E quando viu os moiros descuidados, chamou um dia à parte D. Mem Moniz, e disse-lhe assim:

«Sabes como sou teu amigo e sabes que não há ninguém em quem eu me fie mais do que em ti. És de boa raça e não há valentia nem lealdade como as tuas. Amigo, disfarça-te conforme puderes e vai a Santarém e observa e estuda aquilo tudo por lá com geito e esperteza, de modo a ver a melhor maneira da gente entrar lá dentro, dar cabo daqueles ladrões e tomarmos a vila para nós.»

D. Mem Moniz beijou-lhe a mão e não disse uma nem duas. Naquella mesma noite abalou para Santarém, sòzinho, dizendo a tôda a gente que ia visitar um tio que estava doente para os lados de Pernes. E assim isto ficou em grande segredo como el-rei queria e ninguém desconfiou de nada.

Ao cabo de alguns dias, aí voltou D. Mem Moniz descuidado como se nada fôsse. Mas assim que chegou, à noite foi bater à porta do quarto de el-rei e ali, sòzinho com êle, explicou-lhe tudo que observara e disse:

«A vila de Santarém será tomada por Vossa Alteza que eu já sei o caminho que havemos de levar, e o lugar da muralha por onde havemos de entrar, e conheço tôdas as ruas e as horas das rondas; e tão certo como eu aqui estar, Santarém será nossa quando Vossa Alteza mandar. Mas o que é preciso é guardar grande segredo e apanhar aqueles ladrões descuidados.»

D. Afonso Henriques agradeceu-lhe muito e ficou todo contente com estas notícias.

«Ai, Mem Moniz, Mem Moniz, tens bom sangue nas veias e se teu pai fôsse vivo não lhe faltaria presunção de ter um filho como tu!»

E não disse mais nada nem deu parte da sua idea a ninguém, nem aos fidalgos do seu Conselho, nem à gente do seu palácio.

Escolheu entre os seus cavaleiros, os melhores, os mais valentes e fiéis; e escolheu também das suas tropas, as melhores, gente já experimentada e segura. Mandou apartar bons cavalos e rijas bêstas de carga. Deu ordem a todos que tivessem as armas em ordem e tudo pronto e afinado, e comeres e beberes para uma jornada de uns poucos de dias.

Todos lhe obedeceram, mas nenhum sabia para onde ia, nem sequer se ia contra moiros ou castelhanos.

Assim se puseram a caminho.

Quando chegaram a duas jornadas de Santarém, D. Afonso Henriques mandou recado aos moiros, que quebrava as tréguas por três dias. Naquele tempo era assim costume poderem-se quebrar as pazes, contanto que se avisasse o inimigo; e D. Afonso Henriques, que era homem leal, não quis deixar de o fazer. Mas o que os moiros não sabiam era onde iam ser atacados, porque D. Afonso Henriques levava pouca gente consigo e ia por caminhos apartados e ninguém desconfiava sequer que êle ia de jornada.

Foi numa sexta-feira, ao amanhecer, que chegaram a Pernes e foi aí que D. Afonso Henriques disse a todos os seus companheiros, que iam tomar Santarém. E êles ficaram contentes porque eram todos de grande ânimo e só gostavam de emprêsas arriscadas. Para êles, arriscar a vida era coisa de pouca monta, e dar cabo de moiros divertia-os que nem caçar javalis ou correr toiros.

Combinaram tudo muito bem como havia de ser, deixaram em Pernes as tendas, os víveres e todo o material pesado, e, pela calada da noite, montaram a cavallo e abalaram para os olivais de Santarém.

Andaram, andaram, ora a trote ora a galope, pelo negrume daquela noite, até que se viram num valezito estreito muito encoberto de ramaria. Era tão pèrtinho da vila de Santarém que ouviam lá no alto, no cimo das

muralhas, as vozes das sentinelas. E aí se deixaram ficar, tão bem escondidos que os moiros, muito descuidados da sua vida, nunca deram por êles.

Mal rompia o alvorecer, deixaram os cavalos naquela fundega ao cuidado de alguns pagens e, levando consigo duas ou três escadas, principiaram a trepar por aquêles penhascos arriba. D. Mem Moniz que já sabia o caminho, ia adiante para os ensinar; e logo atrás seguia D. Afonso Henriques. Com as suas cotas de malha de ferro e escudos e capacetes, com aquelas armas tão pesadas, embaraçados com as escadas, as esporas a prenderem-se aos silvados, os pés escorregando nas rochas, trepavam . . .

As sentinelas moiras naquele ponto das muralhas, eram duas e estavam na sua tórre de vigia; mas a tal hora e descuidados de perigo, deixavam-se tolher de sono.

Havia ali, contra a muralha, o casebre de uma olaria onde não ficava ninguém de noite. D. Mem Moniz saltou para cima do telhado e assentando-lhe a escada começou a subir. Mas a escada escorregou nas telhas e caiu com estrondo.

«Valha-me Nossa Senhora!» disse Mem Moniz todo aflito com mêdo de que as sentinelas desconfiassem.

Ficaram todos muito quêdos à escuta, a ver se ouviam vozes ou se vinha gente. Mas nada buliu.

Com muita cautela, Mem Moniz tornou a encostar a escada e mandou um soldado agüentá-la em baixo.

Com jeito êle e mais outros foram subindo; e apenas chegou ao alto do muro, Mem Moniz plantou lá a bandeira de D. Afonso Henriques. No lusco-fusco do alvorecer a bandeira de el-rei de Portugal lá estava sôbre a vila de Santarém! A bandeira do Cavaleiro Sem Mêdo que metia tanto mêdo aos moiros . . .

«Quem anda aí?» perguntou a voz ensonada de uma das sentinelas.

Mem Moniz não se atrapalhou; respondeu logo falando na língua árabe que êle sabia muito bem:

«Gente da ronda. Vem cá abaixo que trazemos recado para ti.»

A sentinela desceu da tórre para a muralha, sem desconfiança. Mem Moniz cortou-lhe logo a cabeça e atirou-a para a banda de fora.

Os outros que estavam no sopé das muralhas com D. Afonso Henriques, quando tal viram, perceberam que a coisa ia bem. Assentaram as outras escadas e principiaram a subir.

Mas a outra sentinela desconfiou. O céu ia clareando e levantou-se brisa. O moiro viu gente sôbre a muralha e deu com a bandeira a tremular. Atirou um grande brado, e os da ronda que andavam perto, acudiram logo e começaram às cutiladas com os portugueses que já eram dez em cima da muralha.

«Santiago! Santiago!» gritou Mem Moniz.

Quando D. Afonso Henriques ouviu êste grito que era o grito de guerra dos portugueses, respondeu:

«Santa Maria e Santiago, valei-nos!»

E comandava em altas vozes os seus, destinando tudo.

Subiram vinte e cinco; e dèsses, uma parte ficou-se a fazer frente aos moiros na muralha, e a outra parte, guiada por Mem Moniz, abalou pelas ruas, a correr, direita à porta da vila, quebrou às machadadas as fechaduras e deixou entrar D. Afonso Henriques e os seus que tinham vindo de volta, a tôda a pressa.

E como a claridade do amanhecer ainda era frouxa e tudo isto se fêz sem confusão e com grande rapidez, quando a tropa moira e a gente da vila chegou a sair das casas e a perceber o que se passava, já os portugueses lá estavam dentro.

Apenas entrou, a primeira coisa que D. Afonso Henriques fêz, foi atirar-se de joelhos e dar graças a Deus; e logo com a espada alçada arrojou-se contra os moiros com aquela gana já bem conhecida, fazendo por si só mais trabalho de que vinte.

«Santiago! Santiago!»

O grito de guerra português ressoava por aquelas ruas, batia contra as paredes das casas e contra as muralhas da vila. E não valeu aos moiros nem a sua valentia, nem a raiva que tinham aos portugueses, nem as boas armas que traziam, nem o seu número que era mais de dez vezes maior que o dos portugueses. Atarantados, apanhados de surpresa, sem saberem se os portugueses eram muitos ou poucos, e medrosos de D. Afonso Henriques de quem já conheciam a fôrça e o valor, não sabiam para que lado se voltar nem tinham tempo de ordenar as suas batalhas.

Levados por D. Afonso Henriques como um vendaval, os portugueses iam passando aquela gente ao fio das espadas e à ponta das lanças; e o sangue corria pelas ruas como se ali se estivesse fazendo grande matança de gado grosso.

«Santiago! Santiago!»

Dos moiros, os que não foram mortos ficaram cativos e, entre êles, três grandes capitães poderosos e ricos, que depois foram resgatados por grandíssimas somas de dinheiro. E os despojos da vila foram muito bons, que os moiros tinham ali grandes riquezas.

Assim, D. Afonso Henriques tomou aos moiros a vila de Santarém que nunca mais deixou de ser portuguesa; e os seus campos tão ricos de pão, azeite, vinho, pastagens, que daí por diante e até hoje, louvado seja Deus, só portugueses cultivaram.

E isto foi no dia 8 de Maio do ano de 1147.

Tomada a vila de Santarém e tôdas as suas redondezas livres de moiros, ninguém pense que D. Afonso Henriques se deu por satisfeito. Mal fortificou a vila e a guarneceu de gente sua e voltou para Coimbra com os seus prisioneiros e riquezas, logo principiou a cismar noutra empresa.

Queria ir tomar Lisboa.

E aquilo foi dito e feito; quando o povo começou a falar em tal, já el-rei ia a caminho da Extremadura com os seus cavaleiros e as suas tropas.

Lisboa não era então o que hoje é. Acastelada e bem defendida, isso sim;

mas a cidade, conforme existia naquele tempo, cabia tôda entre o que hoje é S. Vicente e a igreja dos Mártires. Muito maior, ainda assim, do que Santarém, e mais forte e poderosa e mais rica, e com muita moirama lá dentro e chefes principais. E depois assentada ali à beirinha do Tejo e com seus navios, era coisa de admirar e de meter mêdo.

Mas D. Afonso Henriques não tinha mêdo de nada. Só pensava numa coisa: alargar o seu reino cada vez mais e limpá-lo de moiros. Tinha herdado um condado pequenito; queria deixar ao morrer um grande reino livre e cristão, bem varrido de moiros infieis.

A cavalo no seu grande alazão, rodeado pelos seus fiéis cavaleiros, seguido pelas suas tropas valentes e rijas, lá ia a passo por aquela Extremadura além, a caminho de Lisboa. Gente de cavalo, gente de pé, e no fim as bêstas de carga e almocreves com as tendas, e tudo que era preciso para os arraiais, e os víveres e armas. Por aquêles campos fora via-se aquela fita escura dos homens de guerra, avançando, avançando . . . E o tropel dos cavalos, o passo pesado da infantaria, o telintar das armas, ouviam-se ao longe.

D. Afonso Henriques ia calado; olhava para um lado e para o outro e pensava em tudo que já tinha feito: aos espanhóis conquistara Astorga, Celanova, Tui e suas redondezas; e aos moiros, Leiria, Tôrres Novas, Tomar, Santarém e tôdas aquelas terras da Extremadura que vinham desde Seia até ao Tejo; e daí, o Alentejo até Ourique.

E agora ia tomar Lisboa . . . Como? As suas tropas não eram bastantes e a cidade era tão forte! Seria preciso navios e muito dinheiro e muita gente, e êle não tinha nada disso . . .

Mas êstes pensamentos não alteravam o seu propósito nem afrouxavam o passo firme do seu cavalo. Para diante, para diante! Deus o ajudaria de qualquer maneira como até aqui o tinha sempre ajudado.

A primeira coisa a fazer era tomar Mafra e Sintra, varrer dali para fora os moiros, ficar com aquêles campos onde havia forragem a fartar para os cavalos. E assim não teria os moiros nas costas quando botasse o cêrco a Lisboa.

Custoso de tomar era o castelo de Mafra, e muito mais custoso ainda o de Sintra lá no alto daqueles grandes penhascos. Mas ambos êles foram tomados e os moiros dali foram corridos, fora os que lá ficaram mortos; e D. Afonso Henriques aquartelou-se no castelo de Sintra mais os seus, a descansar e a estudar a maneira de atacar Lisboa.

Ora, um dia, estando êle e os seus cavaleiros, passando revista às muralhas do castelo, deitaram os olhos ao mar e enxergaram uma grande frota que vinha direita à costa. Puseram-se a contar as velas e contaram cento e oitenta. Cento e oitenta barcos! Era uma armada como nunca tinham visto.

Que gente seria aquela e de onde viria? Moiros não pareciam, pelo feitio dos navios. Seriam amigos ou inimigos? Emquanto êles consideravam nestas coisas, os barcos iam-se chegando a terra.

D. Afonso Henriques mandou Mem Moniz e mais três cavaleiros à cata de notícias.

Os cavaleiros foram até perto do mar, cautelosamente. Mas quando chegaram junto da praia e avistaram a gente que tinha desembarcado, logo ficaram descansados, pois bem perceberam que eram cristãos. Avançaram então para elles e vieram à fala.

Aquela grande armada trazia gente francesa, inglesa e alemã. Tinham partido das suas terras para virem guerrear, em serviço de Deus, os moiros inimigos da fé cristã. Traziam todos uma grande cruz branca no peito sôbre a cota de malha de ferro. Eram *cruzados*; assim se chamava aos cavaleiros cristãos de diferentes paízes que naquele tempo se juntavam para ir combater os moiros infiéis à Terra Santa e aí arrancar das suas mãos o túmulo de Jesus Cristo.

Naquela armada vinham muitos condes e outros grandes e poderosos fidalgos; um deles era o francês Guilherme que chamavam da Longa Espada pelo muito bem que dela se servia; e também lá vinha o conde de Lincoln, inglês, que era naquele tempo o cavaleiro mais afamado da França e da Inglaterra.

Quando Mem Moniz e os seus companheiros trouxeram a D. Afonso Henriques tão boas novas, el-rei mandou-os logo como mensageiros aos Cruzados para lhes daram êste recado:

Que o rei de Portugal lhes dava as boas vindas e agradecia a Deus o tê-los trazido à sua terra; que, sem ir mais longe, podiam ali guerrear moiros em bom serviço de Deus, pois que a cinco léguas daquele lugar, se encontrava a cidade acastelada de Lisboa, que estava em mãos de infiéis e que era das mais fortes que elles tinham em terras de Espanha. E os moiros de Lisboa, quer por mar quer por terra, faziam muito mal aos cristãos; e que, se os Cruzados quisessem guerrear êsses moiros, el-rei de Portugal os ajudaria com tôdas as suas fôrças.

A êste recado, os da armada responderam com muita cortesia, e daqui se seguiram muitas conversas e entendimentos.

Andaram assim êstes recados de uma parte e da outra até que vieram a concertar-se em que iriam todos juntos cercar Lisboa, com a condição que, depois da cidade tomada, metade fôsse para os Cruzados e a outra metade para D. Afonso Henriques.

Apenas isto ficou assente, e logo se foram a cercar Lisboa, os Cruzados por mar, e os portugueses por terra.

Quando lá chegaram, os Cruzados assentaram suas tendas e arraiais da parte do poente; e D. Afonso Henriques no lugar onde agora está a igreja de San Vicente.

Durou o cêrco perto de cinco meses, porque a cidade era muito forte, e cercada de muito bons muros, e porque nela havia muita e muito boa gente que rijamente a defendia. Houve grandes escaramuças e duras batalhas, e ali morreu grande número de bons cavaleiros, tanto moiros como cristãos.



Os portugueses e os Cruzados cada qual construiu a sua igreja junto dos arraiais, para aí ir enterrando seus mortos.

Por fim, um dia — e isto foi no dia 25 de Outubro de 1147 — os cristãos assentaram em dar um grande ataque à cidade. Estavam já todos enfatiados daquele cerco tão comprido, e enraivecidos de verem que em tantas batalhas ainda não tinham levado a melhor aos moiros, que lá de cima das muralhas, pareciam troçar e fazer pouco deles.

Assim, cheios de ânimo, repartiram as suas forças e todos a um tempo deram o ataque tão rijamente e com tal gana, que os moiros espantados, até cuidaram que algumas tropas novas tinham vindo socorrer os cristãos. O combate foi tão valente e aturado, que por fim os moiros não podiam já defender-se com a mesma força e, ao entardecer, a porta da Alfama foi arrombada e logo outras igualmente cederam, e enfim os cristãos entraram de roldão na cidade.

Lá dentro a batalha não foi menos rija. Combatia-se em cada rua, dos telhados para baixo. Com a vontade e a raiva que os cristãos levavam, poucos moiros lograram vida; e os que a lograram, ficaram cativos.

Já era bem mais de sol pôsto quando a bandeira de D. Afonso Henriques de um lado, e do outro a dos Cruzados, se ergueram sobre o castelo da cidade.

E assim foi tomada Lisboa aos moiros e nunca mais esta cidade deixou de ser portuguesa.

Apenas se acabou esta batalha, juntou logo D. Afonso Henriques ao pé de si os Cruzados e com êles e os seus cavaleiros se foi em solene procissão, mais os padres de uma e outra parte, a uma mesquita (que é a igreja lá dos moiros) que era onde agora está a Sé de Lisboa. Aí os padres e bispos benzeram esta casa de orações e revestindo as suas vestes sacerdotais cantaram um *Te Deum* e consagraram aquela igreja e a dedicaram à Virgem Maria.

Feito isto mandou el-rei chamar Guilherme da Longa Espada e o conde de Lincoln, e outros dos principais cavaleiros Cruzados e falou-lhes assim:

«Bem sabem, amigos, como ficou entendido entre nós que, se Deus nos desse a cidade de Lisboa, a repartiríamos em duas metades, uma parte para vocês, e a outra para nós, portugueses. Pois agora lhes peço eu que escolham alguns dos seus cavaleiros e eu escolherei dos meus, e juntos irão fazer essa repartição da cidade e das riquezas que nela se encontrarem.»

Os Cruzados pediram um dia para combinar entre si a resposta que haviam de dar; e ao cabo desse tempo voltaram junto de D. Afonso Henriques e disseram assim:

«Partimos das nossas terras e viemos até aqui só com a idea de servir Deus, combatendo contra os moiros, seus inimigos. Não era nossa tenção ganhar cidades, nem terras, nem riquezas. Daí também nos não parece que seja coisa conveniente ficarmos com metade de uma cidade em terra que é de el-rei de Portugal. E por tôdas estas razões, nada queremos, Senhor, e

vamo-nos contentes de ter combatido e vencido os infiéis ao lado de um rei tão bom e glorioso e de tão leais e valentes cavaleiros.»

D. Afonso Henriques admirou muito esta cortesia e agradeceu-lhes tudo com muito boas palavras e disse-lhes que, se alguns deles e de sua gente quisessem ficar em Portugal, êle lhes daria terras para povoarem, pois naquele tempo havia mui pouca gente no reino.

Assim muitos ficaram e escolheram para sua vivenda Atouguia, Lourinhã, Arruda, Vila Verde, Vila Franca, Azambuja e outros lugares.

O resto dos Cruzados foram-se embora, não sem muitos presentes ricos e muitos agradecimentos da parte de D. Afonso Henriques.

E, quando êles abalaram, el-rei, deixando a cidade bem guardada, voltou a Coimbra a descansar de tantas batalhas.

É preciso ficar bem entendido que naqueles tempos as guerras eram muito diferentes do que hoje são. As cidades eram tôdas muradas e cada qual tinha o seu castelo muito bem defendido e forte. E cada vila era também murada e muitas delas cercadas de fossos. E aqui e além, pelos campos, havia castelos para guardarem as terras.

A medida que ia conquistando terras, D. Afonso Henriques (e, depois dele os outros reis), levantava castelos e entregava-os a ordens religiosas, quero dizer, frades guerreiros, sobretudo os Templários. Êstes frades eram cavaleiros esforçados e de grande valentia e muito ajudaram os nossos primeiros reis a conquistar aos moiros a terra de Portugal.

Os campos só eram amanhados em redor das vilas e cidades. O resto andava tudo em charneca bravia porque, tanto moiros como cristãos faziam as suas correrias, roubando gados, atacando povoações, levando tudo quanto podiam, largando fogo às casas e às searas.

Muitas terras que D. Afonso Henriques conquistou foram depois perdidas, tanto as dos moiros como as dos espanhóis; e depois tornaram a ser conquistadas. E assim, com muitas guerras e trabalhos, a pouco e pouco e sem nenhum descanso, se foi criando e segurando o que hoje é a nação portuguesa.

Só no reinado de um bisneto de D. Afonso Henriques, há uns setecentos anos, ficaram assentes de vez as fronteiras de Portugal tal qual hoje são e que nunca mais foram mudadas.

Ora aconteceu que, andando D. Afonso Henriques nestas guerras como ficou dito, se desaveio com o rei D. Fernando de Leão.

Era D. Fernando casado com Dona Urraca, filha de D. Afonso Henriques; e sem mais nem menos apartou-se dela por mandado do Papa por serem primos muito chegados. D. Afonso Henriques levou isto muito a mal; o seu grande defeito era ser assomado que nem um demónio; quando lhe subia o génio, ia tudo raso.

Ser assim raivoso nunca foi coisa boa; mas a gente daqueles tempos não era como a de agora, e um rei, ameaçado sempre de perigos por todos os lados e tendo de talhar o seu reino a golpes de espada e arriscando a vida em cada dia, se não fôsse rijo e bravo não podia ir longe.

«Se el-rei de Leão cuida que pode fazer pouco de uma filha minha que lhe dei em casamento, está muito enganado», disse D. Afonso Henriques para os cavaleiros que estavam com êle na sala e que não se atreviam a falar.

E pôs-se a andar de um lado para o outro, batendo com os pés no chão e fazendo tenir as esporas a cada passada. Tinha a testa franzida e os olhos tão carregados de fúria como uma noite de trovões.

Passava-se isto em Badajoz que D. Afonso Henriques tinha ido conquistar aos mouros. Vencera a batalha e chacinara de grande naqueles inimigos da fé; e neste comenos tinham-lhe trazido a notícia.

«Não ficaremos aqui muito tempo,» disse êle «que temos que ir dar uma lição a el-rei de Leão para êle aprender o respeito que me deve.»

Ainda êle não acabara de falar quando se ouviu no pátio grande tropel de cavalos e logo a seguir entrou na sala um emissário de D. Fernando com recado para el-rei de Portugal: que saísse de Badajoz, que aquela cidade não era da sua conquista, mas sim da dele, rei de Leão.

D. Afonso Henriques largou uma gargalhada que fêz tremer a casa.

«Pois então! E que mais quer el-rei de Leão? Santarém? Coimbra? Lisboa? Mais alguma coisa das que ganhámos aos mouros com o nosso sangue? . . .»

E de repente ficou sério e os olhos faiscaram-lhe como dois carvões acesos. Caminhou para o emissário de D. Fernando e berrou:

«Diz ao teu senhor que, se Badajoz lhe pertence que a venha cá buscar! Ouviste? . . . Olha! Diz-lhe que se não vier que sou eu que lá lhe vou cortar a cabeça . . .»

Mas o emissário já não ouviu as últimas palavras. Varado, a tremer, branco de medo, abalou a fugir que nem uma lebre.

Apenas el-rei de Leão recebeu o recado, juntou os seus cavaleiros e soldados e marchou sobre Badajoz. E a jornada foi feita com tal pressa que chegaram de surpresa às portas da cidade.

Armaram-se os portugueses a troche-e-moche e estava D. Afonso Henriques a afivelar a cota de armas quando vieram dizer-lhe que os seus já andavam embrulhados em combate com a gente de Leão.

«Está bom, está!» resmungou êle. «O mariola do meu genro anda-me a tentar . . . Isto já não vai sem eu lhe cortar a cabeça com esta espada! . . .»

A-pesar-de já não ser moço, saltou para riba do cavalo como se tivesse vinte anos e largou à desfilada.

Ao abrirem a porta da cidade para o deixarem passar, com a pressa não corteram bem o ferrolho e el-rei, naquele galope doido em que ia, deu consigo contra a lingüeta de ferro e quebrou uma perna.

Nem parou. Naquela correria foi ter com os seus e ainda arrancou a vida a alguns inimigos; mas a dor tirava-lhe as forças; não podia servir-se da perna; o cavalo mal governado embrulhou-se numa reviravolta e foi-se abaixo. Com a perna entalada debaixo do cavalo e a rebentar com a dor, D. Afonso Henriques desmaiou.

Logo os seus cavaleiros se juntaram à sua volta a defendê-lo e combatendo como leões.

Mas, vendo isto um dos cavaleiros leoneses foi a correr levar a notícia a D. Fernando.

«Senhor! Senhor! Ali jaz D. Afonso Henriques com uma perna quebrada. Vá Vossa Alteza já prendê-lo enquanto os portugueses o não levam.»

Assim correram logo os leoneses àquele lugar e com muito trabalho prenderam D. Afonso Henriques e os cavaleiros que o estavam a defender. Os outros portugueses, esmorecidos ao saberem que D. Afonso Henriques estava preso e com uma perna quebrada, perderam o tino, desataram a combater em desordem e deixaram-se vencer pelos leoneses que ficaram senhores de Badajoz.

El-rei D. Fernando tratou muito bem o sogro e mandou-lhe curar a perna com todos os cuidados.

D. Afonso Henriques não sabia o que era estar doente. Quando se viu estendido numa cama com a perna quebrada, sem se poder mexer e, ainda por cima, vencido e em mãos de inimigos, entrou a cismar e a entristecer.

«Quando tive minha mãe presa,» dizia êle a um dos cavaleiros portugueses que estava na sua companhia, «rogou-me ela uma praga: que já que a pusera a ferros, eu com ferros havia de ter as pernas quebradas. E assim aconteceu. E já daqui não saio senão para a sepultura.»

Pôs-se a pensar nos seus pecados e pediu um padre para se confessar e comparecer, todo voltado já para a outra vida.

Quando el-rei D. Fernando o viu assim abatido, foi ter com êle e com boas falas e muita manha lá conseguiu que o sogro lhe cedesse as terras que lhe havia conquistado na Galiza. D. Afonso Henriques torcia-se todo ao pensar que assim perdia tanto fruto do seu esforço, um rol de vilas tão boas e ganhas com tão honrado trabalho. Mas estava esmorecido, cuidava que ia morrer e que tudo aquilo devia ser em desconto dos seus pecados.

Quando já podia andar, o genro mandou-o num carro para Coimbra; mas fêz-lhe jurar primeiro que, apenas pudesse montar a cavallo, viria prestar-lhe homenagem de vassalo. D. Afonso Henriques que se sentia quasi bom e já não pensava em morrer, prometeu tudo que o genro quis. Estava morto por se ver na sua terra.

«Ah! mariola!» ia êle dizendo consigo pelo caminho. «Deixa-me sarar, ladrão, que eu te direi a homenagem que te faço!»

Ao chegar a Coimbra vinha feito uma fera; ninguém se atrevia a falar-lhe. Nunca fôra vencido e aquela desgraça de ter quebrado a perna na hora em que ia dar uma tão boa tarefa no genro e de ter sido preso ainda por cima, era coisa que lhe pesava no coração que nem chumbo.

Foi por êste tempo que uns homens de Lisboa, honrados e de bons costumes, resolveram ir ao Algarve, aquela ponta de terra onde diziam que estava enterrado o corpo de San Vicente. Um deles tinha tido um sonho e vira o lugar onde estava o Santo. Falara nisso a uns dois amigos que logo ficaram tão desejosos de lá ir como êle.

Meteram-se num barquito e abalaram. O barquito era pequeno e êles pouco sabiam da arte de navegar. Marinheiros que os viram partir abanavam a cabeça e diziam:

«Estes vão e não voltam, que o mar não é macio por esta costa abaixo; e nem a embarcação presta nem êles sabem governá-la.»

Mas os três amigos iam contentes e seguros, confiados em que Deus os ajudaria:

Tiveram sempre bom mar e brisa certa que lhes enrolava a vela e chegaram ao seu destino como se navegassem num rio.

Apenas desembarcaram vieram moiros a saber o que queriam.

O principal dos três, que se chamava Manuel e era mercador, sabia um pouco da língua árabe e lá explicou aos moiros que se ali tinham vindo era só para desenterrar um santo cristão e levá-lo para Lisboa.

«Mas como sabes tu onde o teu santo está enterrado?»

«Num sonho vim aqui a esta terra e aprendi o lugar onde êle está.»

Os moiros olharam uns para os outros, desconfiados. Seria aquilo manha de cristão para lhes fazer alguma partida?

Finalmente disseram ao Manuel:

«Pois vamos contigo ao tal lugar que sabes e se deres com o teu santo, podes levá-lo e ir-te embora em paz mais os teus companheiros, mas se o santo lá não estiver, já nem tu nem êles daqui saiem vivos.»

A fé dos três amigos era tamanha que aquela ameaça não lhes deu cuidado.

Foram com os moiros direitinhos a um canto de terra muito coberta de mato e abrigado por um rochedo. Em cima do rochedo estava um corvo que ali se deixou ficar sem mêdo nenhum deles. O Manuel todo contente disse para os companheiros:

«Êste corvo também apareceu no meu sonho.»

Começaram a cavar. Os moiros à roda deles olhavam para aquêlê trabalho com tôda a atenção; alguns riam-se. Um deles disse, de troça:

«Vão-me buscar a minha espada que a quero afiar para cortar aqui três cabeças.»

E outro respondeu:

«O fôssô para os enterrar está quási pronto.»

E todos se largaram a rir.

Mas os três companheiros nem os ouviam. Iam cavando, cavando . . .

A dois côvados de fundura deram com o corpo do santo. Com muito jeito e cuidado foram tirando a terra. San Vicente estava ali enterrado havia um ror de anos, mas quando o descobriram e o tiraram para fora, viram que se conservava inteirinho e perfeito. E logo se espalhou um cheiro muito bom como se o corpo fôsse feito de rosas e jasmims.

Os moiros largaram a fugir assustados com aquêlê milagre; e os três cristãos caíram de joelhos em adoração e dando graças a Deus.

O corvo desceu do rochedo e veio poisar na mão direita do Santo.

Acabadas as suas orações, o Manuel mais os seus companheiros apres-

saram-se de levar o corpo para o barco, não fôsem os moiros arrependem-se do que tinham prometido de os deixar ir em paz se encontrassem o Santo.

Mas nenhum moiro tornou a aparecer. Tudo estava sossegado. O céu pusera-se muito azul e o sol muito brilhante e, por onde iam passando, os pássaros acudiam a cantar, as andorinhas esvoaçavam aos centos por cima deles e as borboletas de muitas côres levantavam-se dos lados do caminho como se fôsem flores a voar.

O corvo poisara no ombro do Manuel a grasnar e a alisar as penas, todo contente.

Assim levaram o corpo de San Vicente até ao seu barquito e com muito amor e devoção o deitaram no fundo ajeitando-o com as roupas que tinham.

Logo uma brisa se levantou. Içaram a vela e navegaram para Lisboa sôbre um mar tão manso que nem o de um lago.

Apenas chegaram a Lisboa, logo a notícia se espalhou e não faltou povo a ver o corpo do Santo e a dar graças a Deus.

D. Afonso Henriques até chorava de alegria; parecia-lhe que aquê milagre era sinal de Deus a dizer que protegia e abençoava o reino de Portugal e o trabalho de tôda a sua vida a combater os moiros e a estabelecer um grande reino cristão. Aquela tristeza em que andava desde que fôra preso, passou-lhe. Viu que ainda tinha muito que fazer e que a sua obra, mesmo depois de morto, seria continuada pelo filho e nunca mais Portugal deixaria de existir. E encheu-se de ânimo.

Dizem que, apenas o corpo de San Vicente deu entrada na Sé de Lisboa, logo ali apareceu o corvo e que nunca mais de lá saiu. Ora poisava sôbre a sepultura do Santo, ora no altar mór, e assim andava pela igreja sem mêdo de ninguém e manso como um pombo. E contam que um rapazito chamado João, que fazia limpeza e serviços na igreja, um dia quis botar fora o corvo e lhe atirou uma pedrada; e no mesmo instante caíu no chão e ficou tolhido de braços e pernas, sem se poder mexer.

O pai dêste rapaz, ao ver a desgraça do filho, pôs-se em oração com muita fé, diante da sepultura de San Vicente e logo o João se curou e ficou são como dantes.

Isto são coisas que ficaram escritas por gente daquele tempo; e para uns são verdade e para outros não. Mas daí por diante houve sempre corvos na Sé de Lisboa e aí andavam à sôlta e mansos e ninguém lhes fazia mal nenhum.

*Virginia de Castro e Almeida escreveu;  
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

A SEGUIR:

HISTÓRIA DO GRANDE FUIAS ROUPINHO  
E OUTRAS MARAVILHAS

**S. P. N.**